

Biblioteca virtual de escritores de Feira de Santana: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa

Consuelo Penelu Bitencourt ¹

Patrício Nunes Barreiros²

RESUMO

Trata-se de uma proposta de intervenção pedagógica, para ser aplicada numa turma do 9º ano do ensino fundamental, de uma escola da rede pública na cidade de Feira de Santana - Bahia. O objetivo da intervenção é tornar conhecidos escritores locais, enveredando pelos textos digitais multimodais e produções compartilhadas, percorrendo caminhos da educação para o futuro sustentável, uma educação que contemple o todo, mas que não despreze as partes. Assim, na valorização da literatura produzida no local, o jovem insere-se no mundo e reconhece sua individualidade e pluralidade, numa sociedade cada vez mais em rede. Será proposta a construção de uma biblioteca digital pelos alunos, que irão realizar pesquisas e produzir biografias dos escritores, além de selecionarem e comentarem os textos que serão inseridos no espaço virtual. O jornal *Folha do Norte*, fundado em 1909 e que ainda circula, o suporte no qual a literatura feirense era, primordialmente, divulgada, é a fonte principal para as leituras. Como resultado, espera-se contribuir com subsídios para a formação do jovem leitor em novos espaços de letramento social e digital, valorização e construção de identidades e a cidadania.

Palavras-chave: **Ensino de língua portuguesa; literatura; biblioteca digital; letramento social; cidadania.**

Introdução

A leitura é uma atividade fundamental no processo de aprendizagem. Ela deveria estar ligada a todas as disciplinas curriculares no ensino fundamental, e, de modo especial, à disciplina Língua Portuguesa. No entanto, professoras e professores dessa disciplina queixam-se diariamente de situações como: pouca leitura, em especial a leitura literária; problemas na apropriação e no uso da língua falada e escrita, pouco ou nenhum conhecimento sobre autores locais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao abordarem o ensino da língua portuguesa, chamam a atenção para o cuidado com cada fase de vida do estudante da educação básica, destacando a adolescência como “[...] um período da vida em que o desenvolvimento do sujeito é marcado pelo processo de (re) constituição da identidade, para o qual concorrem transformações corporais, afetivo-emocionais, cognitivas e socioculturais.” (BRASIL, 1998, p. 45). Nessa fase tão significativa de formação do sujeito, questiona-se como a leitura e a escrita, na disciplina língua portuguesa, podem contribuir com as referências ou conhecimentos que tal faixa etária requer para construção das suas identidades?

Sabe-se que a leitura literária traz a possibilidade de despertar ou alimentar o interesse pela cultura de um povo e, no cotidiano da sala de sala, percebe-se que

¹ Professora de Língua Portuguesa na educação básica e aluna do Mestrado Profissional em Letras – UEFS – BA.

² Professor Orientador. Doutor em Letras e Linguística, professor Adjunto da UEFS.

muitos alunos desistem da leitura oferecida na escola, enquanto outros se tornam leitores potenciais ainda na adolescência. Essa relação do jovem com a leitura pode estar relacionada ao material oferecido nas aulas, aos hábitos de leitura da família, às práticas de leitura e escrita em sala de aula e fora dela, além da relação que o professor tem com a leitura e a escrita.

Nesse sentido, as leituras que o jovem pratica tornam evidente a existência de um novo leitor. Um leitor que não se limita e refletir e contemplar, mas que interage em tempo real com o texto lido. Um simples olhar sobre as práticas de leitura dos jovens pode dar pistas de quem é esse leitor. Apesar de abominar muitas leituras que são ofertadas na escola, os adolescentes estão constantemente lendo ou escrevendo no *smartphone*. Esse ato, tão combatido em muitas escolas, coloca o jovem muito mais próximo à leitura do que imaginam alguns professores.

Ao abordar as práticas de leitura na escola, a biblioteca torna-se fundamental no contexto da formação leitora da juventude. Porém, esses ambientes encontram-se muitas vezes distantes de serem espaços de leitura acolhedores, dinâmicos e favorecedores da democratização das informações, através das múltiplas linguagens a que o estudante tem acesso. As bibliotecas escolares, na sua configuração tradicional, são espaços repletos de estantes e de livros, cuja função principal é disponibilizar essas publicações impressas ao público escolar.

É fato que há uma lacuna com relação ao conhecimento da literatura da cidade de Feira de Santana na escola e que também existe a necessidade de incluir no currículo a literatura local, não só pela lei existente, mas também, e, sobretudo, pela importância da arte literária para a memória e identidade de um povo. Assim, faz-se necessário traçar um percurso que transita pela literatura no jornal *Folha do Norte* e a história da literatura de Feira de Santana, sem pretender esgotar esses temas, mas situando a pesquisa nessa tessitura. O conhecimento dos autores locais torna-se tão relevante para uma sociedade que, em alguns estados, o estudo da literatura local já se tornou lei, a exemplo do Piauí, que na sua Constituição Estadual, Parágrafo 1º, Artigo 226 (Capítulo III da Educação), institui o ensino de literatura piauiense nas escolas públicas e particulares do Estado.

Para além das leis, é necessário que a escola traga propostas curriculares que dialoguem com um mundo em transição e cada vez mais conectado, no qual é exigido o conhecimento do seu local e do planeta como um todo:

O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isto se verifica não apenas para as nações e povos, mas para os indivíduos. Assim como cada ponto de um holograma contém a informação do todo do qual faz parte, também, doravante, cada indivíduo recebe ou consome informações e substâncias oriundas de todo o universo (MORIN, 2000, p. 64).

Dessa forma, receber e consumir informações provenientes de todas as partes do mundo, num processo que se pode chamar de letramento global ou universal, não reduz o valor dos letramentos locais, nos quais os sujeitos encontram seu primeiro lugar no mundo. De acordo com Street (2014, p. 28) “[...] as percepções e usos locais do letramento, portanto, podem diferir dos da cultura dominante e têm de ser levados em conta para se compreender a experiência letrada de povos diferentes”.

Assim, espera-se que o impacto desta pesquisa, tanto para os envolvidos diretamente quanto para a sociedade, gere um movimento nas práticas de letramento já constituídas, resultando em aberturas para novas possibilidades de múltiplos letramentos, que incluem o local e o global.

Leituras e leitores

A leitura é uma experiência que resulta da interação entre texto e leitor. O ato de ler pode ser considerado uma simbiose entre esses dois agentes, e para que isso aconteça, são necessárias estratégias que envolvem vários processos.

Nas atividades que movimentam diversas estruturas internas e externas, acontece a experiência de leitura. Conforme Jouve (2002, p. 28), essa experiência pode ser de leitura inocente ou leitura experiente, sendo a primeira a mais comum. A palavra inocente, assim colocada, leva à seguinte reflexão: existe leitura inocente? O próprio Jouve responde a esse questionamento. Segundo ele, o texto atua sobre o leitor, e essa atividade pode se dar em vários níveis de influência. A leitura pode ter efeitos de dimensão global ou particular: “Existem duas maneiras de apreender os efeitos concretos de uma obra: pode-se estudar a leitura seja em suas consequências globais na sociedade seja no efeito particular que produz no indivíduo.” (JOUVE, 2002, p. 125). Assim, o texto pode ser recebido pelo leitor de duas formas distintas: uma prevista e determinada pelo texto e outra infinita e acolhida pela percepção individual.

Toda essa interação que a leitura exerce com o leitor precisa ser considerada ao se determinar a escolha de textos a serem lidos na sala de aula. Quando se trata de leitura na escola, o discurso de que o jovem não lê pode ser facilmente desconstruído, considerando-se as práticas de letramento do dia a dia do estudante, as quais ele escolhe de acordo com suas necessidades e desejos. Percebe-se, então, que o jovem lê; porém, não lê o que o professor espera, ou seja, os cânones literários que são trazidos pelos manuais didáticos de língua portuguesa. Os cânones podem e devem continuar sendo lidos nas escolas, porém a literatura produzida no entorno da escola, muitas vezes desconhecida, precisa ter também seu espaço reconhecido na sociedade.

Segundo os PCNs, “o tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem” (BRASIL, 1998, p. 27). Assim, O diálogo travado entre texto e leitor, envolvendo esses usos particulares de linguagem, pressupõe um nível de letramento. O letramento é um conceito que suscita debates e discussões na academia e na escola. Kleiman (2005) traz uma discussão sobre o letramento, pois este termo é facilmente confundido na escola com outras práticas, tais como alfabetização, método ou habilidade. Segundo Kleiman:

Paulo Freire utilizou o termo alfabetização com um sentido próximo ao que hoje tem o termo letramento, para designar uma prática sociocultural de uso da língua escrita que vai se transformando ao longo do tempo, segundo as épocas e as pessoas que a usam e que pode vir a ser libertadora, embora, à época, fosse mecanicista (KLEIMAN, 2015, p. 19, 20).

Nesse sentido, o letramento sobrepõe-se a muitas noções generalizadas. Na aula de português não é mais suficiente o aprendizado mecânico do sistema da língua escrita; o ensino da língua como expressão libertadora e de poder começa a ter espaço e a se tornar uma necessidade. As situações de letramento envolvem geralmente um grupo de pessoas, em que cada uma irá colaborar com seu conhecimento de mundo. Tais interações no ambiente escolar podem acontecer na sala de aula ou em outros espaços coletivos, nos quais os estudantes possam ser os protagonistas, mediados pelo estímulo e orientação dos educadores. Cada lugar do espaço educativo pode ser ou vir a se tornar um ambiente de leitura. É importante observar que

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico,

diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais (BRASIL, 2017, p. 70).

No que se refere à leitura praticada pelos jovens, deve-se considerar o conceito de multiletramentos, que

[...] aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 13).

Esse contexto de eventos e práticas de multiletramentos da sociedade atual está repleto de novos gêneros e novos suportes. Assim, a leitura como mera decodificação ou para cumprir determinado conteúdo do livro didático, passa a não fazer sentido, e por isso subsistem as dificuldades e resistências em ler. A leitura literária na escola encontra novos desafios nesse cenário. Segundo Cosson (2009, p. 17), “[...] a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência”; ou seja, a leitura precisa fazer sentido para o leitor.

A biblioteca

Na escola, a biblioteca seria o lugar da leitura por excelência, um lugar onde se respirasse leitura. Diz-se *seria e respirasse*, porque a biblioteca escolar passa distante do sonho da *Biblioteca Total*, descrito por Borges (1941) em *Biblioteca de Babel*. No conto, a Biblioteca, grafada com maiúscula, pois é tomada como uma entidade, é “interminável, e uma esfera cujo centro cabal é qualquer hexágono, e cuja circunferência é inacessível” (BORGES, 1941, p. 48). Nesse sentido, a *Biblioteca Total*, comparada ao Universo, quer abarcar todas as informações, numa rede que se multiplica infinitamente, confundindo-se com a própria teia da vida. Hoje se pode fazer uma analogia entre essa *Biblioteca Total* e a rede mundial de computadores – a internet, que estabelece conexões e multiplica informações de forma inumerável.

Borges (1941) parecia já prever a dimensão da diversidade e quantidade de informações que circulam hoje pela internet, numa sentença premonitória da sociedade da informação, e, quiçá, da sociedade em rede. Em Borges (1941) e seu realismo fantástico já não havia a limitação que impõe o lugar físico da biblioteca e seus livros, e hoje esse limite definitivamente foi transposto pela sociedade da informação, que abre espaços para produções e leituras intermináveis.

A biblioteca, assim, ultrapassando os limites físicos de pisos e prateleiras em seus mais diversos formatos geométricos, amplia seu alcance universal nos ambientes digitais conectados em rede, formando um rizoma. De acordo com Deleuze e Guattari (1995, p. 15):

Oposto à árvore, o rizoma não é objeto de reprodução: nem reprodução externa como árvore-imagem, nem reprodução interna como a estrutura-árvore. O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga.

Pode-se pensar nas bibliotecas virtuais como esse espaço, no qual não há começo e nem fim, mas um meio, no qual ocorrem as conexões e produções sem

hierarquia, num mapa que se constrói a cada ligação. As bibliotecas digitais possibilitam pesquisa, consulta, *download*, de forma cômoda, sem ao menos a necessidade de sair de casa. Esse alcance global das informações representa um dos pré-requisitos da educação para a sustentabilidade, seja ela ambiental, social, econômica ou cultural. Para Castells, “[...] é precisamente devido a sua diversificação, multimodalidade e versatilidade que o novo sistema de comunicação é capaz de abarcar e integrar todas as formas de expressão” (CASTELLS, 1999, p. 46).

A educação, em meio a esse novo paradigma, frente às múltiplas possibilidades de compartilhamento de informações e conhecimento, tem uma meta estabelecida pelos 193 países membros das Nações Unidas na chamada Agenda 2030 ou Objetivos de desenvolvimento sustentável - ODS:

Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global, e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável (ONU, 2015, p. 20).

Esse ideal de educação pretende que as salas de aula de todo o mundo sejam lugares nos quais se prepara crianças e jovens para a vida, envolvendo os aspectos do cuidado consigo mesmo, com o outro e com o planeta, respeitando e valorizando a diversidades de culturas, em prol da cidadania planetária. A escola como lugar onde se lê, se produz conhecimento e o compartilha.

Como espaços educadores, as escolas, e mais especificamente as disciplinas em geral, podem e devem investir no tema da educação para sociedades mais pacíficas e sustentáveis, tendo esse tema transversal mais presente em suas grades curriculares e salas de aula. Conforme os PCNs,

[...] a transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade) (BRASIL, 1998, p. 40).

Tal aprendizagem pautada em realidades encontra, com o advento das tecnologias da informação e comunicação, o desafio de lidar com as linguagens digitais. Supõe-se, de forma generalizada, que as tecnologias digitais e seus usos estariam distanciando as pessoas. Porém, há que se levar em conta o seu poder de conectar e unir, provocando maiores oportunidades de interação. Quanto à disseminação do conhecimento através dessas tecnologias, se, por um lado, a ausência de paredes para informações e conhecimentos torna largo o horizonte das leituras, por outro, a necessidade de mediação do professor, diante de um número bem maior de informações, é reforçada.

A Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2017), resultante de construção democrática e homologada pelo Ministério da Educação e Cultura, depois de várias etapas de escrita e de análise de especialistas, preconiza o ensino da língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental, fundamentando-o também no ensino de gêneros e no aprofundamento desses gêneros que circulam na esfera pública. O documento acrescenta:

Além das habilidades de leitura e produção de textos já consagrados para o impresso são contempladas habilidades para o trato com o hipertexto e também com ferramentas de edição de textos, áudio e vídeo e produções que podem prever postagem de novos conteúdos

locais que possam ser significativos para a escola ou comunidade ou apreciações e réplicas a publicações feitas por outros (BRASIL, 2017, p. 137).

Legitima-se, no documento, a necessidade de inserir, no trabalho com os gêneros, o contexto das transformações ocorridas na sociedade na era da multimídia, incluindo as capacidades para o contato com o hipertexto e as práticas de produção de conteúdo multimídia. Tais atividades são reforçadas pela intenção de tornar públicos os conteúdos significativos para a comunidade.

E a biblioteca escolar? Como fica diante dessas realidades? “Mais do que nunca, talvez, uma das tarefas essenciais das bibliotecas seja coletar, proteger, recensear, e tornar acessíveis os objetos escritos no passado.” (CHARTIER, 2002, p.120). Para além dessas atribuições, a biblioteca, seja ela física ou virtual, precisa também promover o contato do leitor com o texto, porque, do contrário, seria um mero depósito de livros. A biblioteca precisa ser um espaço (físico ou virtual) dinâmico, onde os leitores encontrem livros, revistas, jornais ou textos, mas também interajam com outros leitores, numa troca de experiências contínua.

Quanto à convivência entre o texto impresso e o digital, Barreiros (2015) diz:

Está claro que a escrita digital tem suas próprias regras e códigos, mas é preciso entender o que de fato ela trouxe como novidade e em que consiste a tão alarmada revolução digital. Desse modo, evitam-se os mitos criados em torno de visões apocalípticas que anunciam o fim dos impressos, do livro, mais especificamente, ou atitudes visionárias que consideram a escrita digital superior em suas características (BARREIROS, 2015, p. 173).

Assim, o sonho da *Biblioteca Total* e suas múltiplas formas e conteúdos, pode comportar tanto o texto impresso quanto o digital, e cada um ter suas próprias características e usos, ou se complementarem em linguagens multimodais. A biblioteca, com seu acervo do presente e também do passado, que comunga de uma multiplicidade de autores e lugares, para ser total em sua expressão mais genuína, precisa, minimamente, oferecer nas suas prateleiras, corredores, ou na sua página em um *site*, um espaço para os escritores locais. E mais ainda: precisa permitir também a interação entre leitores, favorecendo também a escrita.

O gênero escolhido: biografia de escritores

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade, refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2003, p. 285).

O objeto do ensino da língua portuguesa, segundo as Orientações Curriculares do Estado da Bahia, é desenvolver a competência de “apropriar-se de gêneros textuais diversificados” (BAHIA, 2013, p. 99), tendo como uma das habilidades “perceber os diferentes suportes como possibilidade de interferência na circulação e na produção de textos” (BAHIA, 2013, p. 99). Faz-se necessário, então, didatizar esses gêneros, tomando-os emprestados do seu papel social de referência e trazendo-os para a sala de aula, para que, assim, o pleno domínio do gênero em questão seja alcançado.

Marcuschi (2002) aborda os gêneros textuais “[...] como formas de legitimação discursiva” (MARCUSCHI, 2002, p. 10). Segundo esse autor “[...] quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar

lingüísticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.” (MARCUSCHI, 2002, p. 10). Assim, para conhecer a literatura local, toma-se como gênero para ser estudado e produzido, a biografia de escritores. Tal gênero atenderá à situação particular de comunicação que é conhecer e divulgar autores que publicaram no jornal *Folha do Norte*.

O gênero biografia existe desde que o homem aprendeu a relatar e admirar histórias de vida. Segundo Carino (1999) a forma de relato biografia permanece viva desde a Antiguidade. As biografias têm finalidades específicas: “exaltar, criticar, demolir, descobrir, renegar, apologizar, reabilitar, santificar, dessacralizar.” (CARINO, 1999, p. 154). No caso específico do ensino do gênero biografia de escritores, é importante observar o caráter educativo que esse gênero já traz em sua essência: “Tais finalidades e intenções fazem com que retratar vidas, experiências singulares, trajetórias individuais transforme-se, intencionalmente ou não, numa pedagogia do exemplo. A força educativa de um relato biográfico é inegável.” (CARINO, 1999, p. 154).

A biografia também tem importante função ao reconhecer o valor da individualidade, da identidade de um único ser. No contexto atual, com a rapidez com que acontecem as transformações no mundo, o gênero biografia encontra campo mais favorável, pois se torna uma forma de fixar as realizações vividas, para além da própria vida, num ciclo que se recria e continua, à medida que uma história de vida se fixa através do relato biográfico.

Essa necessidade de “fixação” onde tudo se move transforma-se com uma velocidade impressionante. Onde não há tempo para que o Homem se realize em uma vida, através de seus feitos e palavras, talvez esteja se tornando imprescindível o relato sobre vidas vividas, que só se mostram realmente completas em sua recriação biográfica (CARINO, 1999, p. 168).

A biografia, e em especial a biografia de escritores, tem essa função de retratar um indivíduo com suas particularidades e, ao mesmo tempo, inserir-se no coletivo, através das características típicas de um ser que fazem com que este se identifique com uma coletividade. Além disso, não há como estudar a literatura de um povo sem conhecer os seus autores.

Na organização didática dos gêneros proposta por Schnewly e Dolz (2004, p. 121), o gênero biografia pertence ao domínio do relatar e sua circulação social acontece na documentação e memorização das ações humanas, cujas capacidades de linguagem dominantes envolvem a representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.

Importa ainda observar que os “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Por isso, deve-se levar em conta o caráter heterogêneo dos gêneros do discurso para poder estudá-los em suas diversas apresentações, que são sujeitas a variações, conforme mudam as necessidades comunicativas.

Nesse sentido, Marcuschi (2002) observa que “os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano” (MARCUSCHI, 2002, p. 11). Dessa forma, o gênero textual configura-se em instrumento pelo qual o discurso se manifesta, podendo, inclusive, manifestar-se de forma híbrida (inter-gêneros) ou heterogênea (com sequências tipológicas distintas), sem, contudo, perder sua função comunicativa (MARCUSCHI, 2002, p. 12).

Há que se considerar ainda, para efeito deste trabalho com o gênero biografia de escritores, a multimodalidade, que amplia também a noção de gênero. Para Rojo:

Texto multimodal ou multissemiótico é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição. Língua oral e escrita

(modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas – modalidade gestual), áudio (música e outros sons não-verbais – modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações – modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais (ROJO, 2015, p. 108).

O ensino da língua portuguesa na perspectiva dos gêneros contempla o caráter integrativo da língua, envolvendo, inclusive, as multimodalidades e multissemioses, trazidas pelos avanços na tecnologia contemporânea. Assim, uma proposta didática deve buscar formas de didatizar esses gêneros, sem, entretanto, congelá-los em fórmulas prontas ou acabadas, mas dando a conhecer os principais elementos que os caracterizam no meio onde circulam.

Sobre o gênero biografia de escritores, e sua relação com a educação, Carino (1999) afirma:

A biografia trata do individual, da trajetória de uma dada vida, específica, concreta. A educação, por seu turno, embora lidando com cada indivíduo, trata do coletivo: dos conhecimentos, normas, valores etc., com os quais esse ser individual irá participar da vida da sociedade, isto é, da instância coletiva (CARINO, 1999. p. 169).

Didatizar esse gênero, considerando seu caráter ao mesmo tempo individual e coletivo, será o desafio primeiro, a fim de ter subsídios para o desenvolvimento da Sequência Didática a que se propõe esta pesquisa. Sobre a didatização de gêneros Schnewly e Dolz (2004) dizem:

[...] Um modelo didático apresenta, então, em resumo, duas grandes características:

1. ele se constitui uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores;
2. ele evidencia as dimensões ensináveis, com base nas quais diversas seqüências didáticas podem ser concebidas. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 82).

O Modelo Didático de Gênero (MDG), de acordo com Machado e Cristóvão (2006), tornou-se necessário para a construção da sequência didática, conforme estudos do grupo de Genebra. As categorias de análise listadas pelas autoras seguem os pressupostos dos pesquisadores do grupo de Genebra e visam subsidiar as atividades didáticas a partir parâmetros verificam características prototípicas dos gêneros em suas representações textuais. Dessa forma, o ensino de um gênero traz em si uma série de outros ensinamentos, que envolvem capacidades discursivas para o domínio da comunicação oral e escrita em língua portuguesa.

Para a elaboração do Modelo Didático do Gênero, nos pressupostos de Bakhtin (2003), deve-se considerar a organização do gênero discursivo, em forma de enunciado (o texto), a partir de três elementos: o conteúdo temático, o estilo da linguagem e a organização composicional:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Esses três elementos interdependentes são característicos de um gênero à medida que ocorrem com certa regularidade. Essa recorrência permite reconhecer as formas de dizer na sociedade e é necessária sua modelização didática na escola, não para congelar essa forma de organizacional e torná-la estática, mas para proporcionar o domínio desse gênero e entender a sua relativa estabilidade, reconhecendo que existem também variações. Nesta pesquisa, a seleção de textos do gênero biografia de escritores contempla textos disponíveis em sites da internet, em sua maioria com elementos componentes estáveis, mas também textos que enveredam por uma variação da organização padrão do gênero.

Assim, a construção do Modelo Didático de Gênero - MDG deverá oferecer as bases para o ensino do gênero em questão, oportunizando o protagonismo juvenil no desenvolvimento da competência de apropriação do gênero biografia de escritores, considerando as capacidades que envolvem essa assimilação, entre elas as marcas lexicais e percepção de diferentes suportes e multimodalidades textuais para o gênero em estudo.

Para tanto, a didatização do gênero biografia de escritores será efetuada levando em consideração a necessidade de ampliar os eventos de letramento dos alunos, no sentido de possibilitar também o letramento digital. Para Xavier, esse conceito

[...] implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das forma tradicionais de letramento e alfabetização. Ser *letrado digital* pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital (XAVIER, 2005, p. 3).

Por isso, considerando a necessidade de incluir o letramento digital no trabalho com o ensino do gênero biografia, serão apresentados textos multimodais veiculados em diversos suportes, para que o aluno tenha contato, incluindo bibliotecas virtuais e páginas pessoais sobre escritores. Só depois dessas leituras, o estudante irá produzir seus próprios textos multimodais e torná-los disponíveis nos meios digitais. A leitura e a realização de atividades colaborativas em ambientes como blogs, sites e redes sociais levarão os estudantes a explorarem, com a mediação da professora, diversas possibilidades de uso da linguagem, seja ela verbal, sonora ou visual.

Schneuwly e Dolz (1997) chamam a atenção para o trabalho com gêneros direcionado para as capacidades de linguagem, que

são - aptidões requeridas do aprendiz para a produção de um gênero numa situação de interação determinada: adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidades de ação), mobilizar modelos discursivos (capacidades discursivas) e dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas (capacidades linguístico-discursivas) (SCHNEUWLY; DOLZ, 1997, p. 29).

Assim, a transposição didática do gênero também considera as capacidades de linguagem que o aluno já traz e as que ele precisará construir no decorrer das atividades sequenciadas. Na escolha do gênero biografia de escritor para o desenvolvimento dessas capacidades de linguagem, considera-se, inclusive, sua funcionalidade educativa. Segundo Carino (1999), a biografia destaca-se pela sua funcionalidade educativa, já que esse gênero sempre aborda um relato de vida que gera um exemplo, seja ele positivo ou negativo, resultando sempre em um evento educativo:

Vale observar que a biografia, como arte de narrar vidas, embora trabalhe com cada vida em suas particularidades, extrai de cada uma delas certas características típicas. Essa tipologia é que servirá a

uma “pedagogia do exemplo”. Tomadas como exemplo, imitadas, seguidas, integrando um “modelo” de conduta determinado pelo espírito da época, servirão à educação (CARINO, 1999, p. 173).

Considerando os meios de circulação do gênero biografia de escritor e suas formas de apresentação, observa-se que as bibliotecas digitais e páginas pessoais são importantes repositórios desses textos. Assim, após a leitura e análise de algumas biografias de escritores publicadas em páginas na internet referentes a bibliotecas virtuais, bem como páginas pessoais, a fim de subsidiar a pesquisa, permitiu a estruturação do Modelo didático do gênero biografia de escritor, com base no modelo de organização de gêneros de Bakhtin (2003) e nas contribuições de estudos do gênero.

Quadro 01: Modelo Didático do Gênero biografia de escritor

Contexto de produção	
Quem escreve	Em geral, as biografias de escritores são produzidas por estudiosos de literatura, jornalistas, escritores, historiadores, blogueiros, editores de sites. O biógrafo pode ou não conhecer pessoalmente a pessoa sobre a qual escreve e geralmente é feita uma pesquisa prévia sobre o escritor biografado através de entrevistas, visitas a bibliotecas e sites, conversas com pessoas. Existe também a <i>autobiografia</i> , em que o próprio autor escreve sua história de vida.
Para quem	Nas biografias de escritor que circulam na sociedade, o público-alvo são as pessoas que se interessam por esse gênero, ou que apreciam a obra desse escritor. Os leitores em geral estão interessados em conhecer aspectos da vida do biografado.
Objetivos/finalidade	Relatar aspectos da vida do escritor biografado. Ajudar a compreender aspectos sociais, históricos e culturais da vida do escritor e sua obra.
Circulação/publicação	Livros, <i>sites</i> , filmes, documentários, enciclopédias.
Conteúdo temático	
De forma geral, o gênero biografia do escritor apresenta como tema a vida pessoal do biografado, além de relatar aspectos da sua obra. A biografia relata, em ordem cronológica, a trajetória de vida de um escritor, focalizando aspectos centrais da infância, adolescência, vida adulta, velhice, morte. Sua obra, textos publicados, características da sua produção escrita. O biografado é o elemento central na temática da biografia.	
Estrutura composicional e estilo	
<p>Texto escrito em terceira pessoa. No entanto, na biografia pode haver alternância do foco narrativo, ora em terceira pessoa (voz do biógrafo e outras pessoas), ora em primeira (voz do biografado). Presença de sequências textuais descritivas que caracterizam determinada imagem para o público-leitor; adjetivos e referências destacam o que se pretende do perfil do biografado.</p> <p>Mecanismos de coesão para construção da cadeia de referentes nominais do texto, com destaque para o biografado e outras pessoas citadas no texto (pai, mãe, irmãos, cônjuge, amigos, filhos etc.). Destacam-se também a grande quantidade de datas, substantivos próprios (pessoas e lugares).</p> <p>Presença de advérbios e locuções adverbiais como modalizadores de tempo e espaço. Os fatos são normalmente apresentados em ordem cronológica.</p> <p>Uso de verbos predominantemente no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo, mas também no presente e no pretérito imperfeito do subjuntivo.</p> <p>Uso de relatos de memórias pessoais (autobiografia), assim como de documentos, fotografias, cartas, relatos de outras pessoas, diários.</p>	

Apresenta às vezes uma construção híbrida (mescla de gêneros ou de domínio de linguagem). Predomina a norma padrão da língua e alguns textos têm uma linguagem mais formal, enquanto outros podem apresentar um estilo mais coloquial ou poético.

Todos esses textos em circulação nos meios virtuais exigem o domínio da leitura digital, na qual há que se desenvolver, também, as habilidades de *navegação*, no contato com a internet, seja para a pesquisa, leitura ou escrita. Segundo Coscarelli (2016, p. 75), para a navegação na internet e a leitura usam-se estratégias similares: monitoramento, estabelecimento de conexões, identificação das ideias mais relevantes do texto, realização de perguntas, análise/crítica, visualização, inferências, resumo, síntese. No entanto, ainda conforme Coscarelli (2016, p. 78), a navegação envolve ainda outras habilidades, tais como: reconhecer as ferramentas de busca, gerar palavras-chave, ler e compreender os resultados dos mecanismos de busca, reconhecer elementos (gráficos e linguísticos) que indicam a presença de um *link*. Todas essas habilidades precisam ser desenvolvidas para que se possa fazer uso significativo da navegação em rede e a leitura e produção de hipertextos.

O letramento digital e sua aprendizagem podem ainda ser analisados segundo a perspectiva bakhtiniana. Segundo Neto (2016, p. 139), “as contribuições bakhtinianas podem ser aplicadas aos objetos de aprendizagem em ambiente digital, principalmente porque a perspectiva dialógica da linguagem [...] é uma concepção onipresente”. Consideram-se, assim, as práticas de linguagem contemporâneas no seu caráter colaborativo e dialógico, no qual a sociedade em rede conhece, aprende e ensina, de forma cooperada.

Barton (2015, p. 39-54) trata de sete conceitos-chave para o uso da linguagem *online*. São eles: práticas, escrever num mundo social textualmente mediado, virtualidades, multimodalidade, postura, afinidades e outros agrupamentos, globalização. Para Barton (2015, p. 55), esses conceitos se manifestam nos espaços de escrita online, e é na escrita que esse autor foca suas análises, pois, “[...] a palavra escrita ainda é central para todas as formas de interação *online* e criação de conteúdo (BARTON, 2015, p. 56). Assim, mesmo em *sites* de compartilhamento de vídeos ou fotos, como o *Youtube* ou o *Flirck*, as formas de participação são mediadas pela linguagem escrita (BARTON, 2015, p. 56).

Dito isso, coloca-se em evidência os desafios enfrentados na formação de leitores, que na contemporaneidade devem contemplar os multiletramentos e multimodalidades em que se apresentam os gêneros do discurso.

O contexto de produção do gênero: escritores e literatura feirense em foco

No município de Feira de Santana alguns escritores se destacaram e ficaram conhecidos em outros lugares e pelos habitantes do lugar, como Eurico Alves Boaventura e Godofredo Filho. Esses autores participaram do grupo que compôs, no final da década de 1920, a revista *Arco & Flexa* e do movimento modernista na Bahia, ficando conhecidos por esse feito e pela qualidade da literatura que produziram. No entanto, muitos escritores, que publicaram seus textos no jornal *Folha do Norte*, e que tiveram uma participação expressiva na literatura e cultura locais, permaneceram no anonimato ou são pouco conhecidos do público em geral. Como exemplo disso, reflexo desse apagamento, na biblioteca escolar da instituição educacional palco da pesquisa a ser desenvolvida neste projeto, obras de apenas dois escritores locais foram encontradas no acervo.

Diante dessa escassez da literatura produzida no local no ambiente escolar, o jornal *Folha do Norte* é, aqui, a principal fonte de pesquisa sobre escritores feirenses, já que, por muito tempo, esse veículo de comunicação foi a principal forma de publicação literária existente na cidade. No jornal, foram publicados poemas, crônicas, contos, ensaios e cartas. Para este estudo, partimos de uma lista inicial de escritores que tiveram poemas publicados no periódico. Alguns, como o poeta Carlos Sampaio,

chamam a atenção por abordar aspectos da vida feirense nos poucos poemas publicados no periódico.

Homens, mulheres, crianças
Pelas suas ruas
Em passos apressados
Em todas as direções
Vão escrevendo seu destino (Trecho do poema *Feira*, publicado no jornal *Folha do Norte* em 27/01/1951)

Este poema revela alguns aspectos da Feira de Santana da época, com suas paisagens e costumes. Além do escritor Carlos Sampaio, outros poetas marcaram presença nas páginas do periódico mais antigo em circulação em Feira de Santana. Entre eles, o feirense Aloisio Resende, conhecido também como Zinho da Faúla, que publicou no *Folha de Norte* muitos poemas que valorizam a ancestralidade da população afrodescendente.

Vai dançar lemanjá, protetora bonita
Deste rico rincão de terra brasileira.
No centro do terreiro, onde o samba se agita,
Em negras ondas solta a basta cabeleira. (Trecho do poema *lemanjá*, de Aloisio Resende. Publicado no jornal *Folha do Norte*)

A escritora Georgina Erismann, conhecida pelos estudantes como autora do hino a Feira de Santana, tem outras composições poéticas, como o poema *Chuva*, publicado no *Folha do Norte*, que traz a imagem da chuva caindo nas terras quentes da “Princesa do Sertão”³.

CHUVA
A chuva é ouro que cai do céu
para o mealheiro do pobre...
e para as veias anêmicas da terra febril
a chuva é sangue.
Há murmúrios camiantes de águas claras,
há promessas de farturas nos milharais,
andam pintores invisíveis retocando
o quadro verde da campina,
desbotado pelo sol...
e a natureza agora, toda fresquinha,
lembra uma moça convalescente,
a quem deram lindos vestidos novos.
Georgina Erisman (poema publicado no jornal *Folha do Norte*)

Entre os escritores feirenses que serão estudados nesta pesquisa, destaca-se a professora de piano, poeta e radialista Alcina Dantas. A escritora, que residiu em Feira de Santana e é natural de Itaberaba, publicou vários poemas no jornal *Folha do Norte*, e também foi apresentadora de um programa de auditório no rádio para crianças “Brasil do Amanhã”, na década de 50, sendo uma das primeiras, ou a primeira radialista mulher da cidade. O programa, de caráter educativo e cultural, fez muito sucesso nas manhãs de domingo feirenses.⁴ Sobre a professora Alcina Dantas e a música que esta executava em sua casa ao piano, Eurico Alves escreve:

Como era amável o tempo, então Romântico piano lá em Anita
Novais outro cá em Alcina Dantas. Babatavam as duas pianistas

³ A cidade foi e é conhecida como *Princesa do Sertão*, alcunha dada por Rui Barbosa, em dezembro de 1919, em conferência no Cine Theatro Santana.

⁴ SILVA, Hugo Navarro da. Alcina Dantas e outros. Disponível em: <http://ginasiosantanopolis.blogspot.com.br/2013/09/alcina-dantas-e-outros.html>. Acesso em 27/01/2018

inesquecíveis velhas músicas nos bons pianos meio desafinados. Pareciam pianos de antigos romances sentimentais – Romance à Júlio Diniz. Igualzinhos! [...] E a bela e calma Avenida Senhor dos Passos, então barão de Cotegipe, no trecho onde ficava a casa de meu pai, era toda uma nostálgica e senhorial poesia. (BOAVENTURA, 2006, p. 86).

Assim, diante do material encontrado sobre escritores feirenses e da importância do conhecimento desses autores pela sociedade, a biblioteca virtual que será construída a partir da sequência didática a ser desenvolvida neste projeto, terá como ponto de partida os escritores elencados acima, porém, será aberta para novos estudos e inclusão de outros escritores feirenses (que nasceram, vivem ou viveram em Feira de Santana). Dessa forma, a biblioteca poderá vir a ser uma fonte viva de leitura e pesquisa sobre os escritores locais.

A Feira da feira e dos poetas do *Folha do Norte*

Feira de Sant' Ana do grande comércio de gado
nos dias poeirentos batidos de sol compridos
Feira de Santa' Ana
Das segundas feiras de agitações mercenárias
correrias de vaqueiros encourados
tabaréus suarentos abrindo chapéus enormes
barracas esbranquiçadas à luz
e as manadas pacientes que vêm para ser vendidas
de bois do Piauí de Minas do Sertão brabo
até de Goiás
(GODOFREDO FILHO)

O poema *Feira de Sant'Ana*, de autoria de Godofredo Filho foi escrito em 1926, mas somente foi publicado em 1977. A cidade que aqui quer se mostrar, contrastando com a cena romântica desenhada por Eurico Alves, a partir da melodia do piano, em tópico anterior, é a Feira de Santana nada pacata nos seus primeiros anos de formação. A imagem construída pelo poeta nessa narrativa é uma tela que une os elementos essenciais que remetem à memória da formação da cidade. O comércio de gado, a antiga feira livre às segundas-feiras, o vaqueiro no seu ofício, os feirantes na sua lida, e os bois que vinham de toda parte, já anunciando a diversidade de culturas que viriam com os viajantes que mais tarde se instalariam na cidade. Esta memória, presente nas narrativas literárias, constitui-se num legado identitário para a sociedade feirense. Pode-se dizer que se trata de um poema biográfico da cidade, tal é a precisão com que o poeta retrata sua terra natal.

Na perspectiva ideológica de letramento como poder e ideologia, Street diz:

Prefiro trabalhar com base no que chamo de modelo “ideológico” de letramento, o qual reconhece uma multiplicidade de letramentos; que o significado e os usos das práticas de letramento estão relacionados com contextos culturais específicos; e que essas práticas estão sempre associadas com relações de poder e ideologia: não são simplesmente tecnologias neutras (Street 1985, 1993). (STREET, 2007, p. 466).

Dessa forma, o letramento que leva em conta as questões sociais que envolvem a constituição de um povo, através da sua literatura, busca não limitar as práticas letradas, mas ampliar, a partir do conhecimento da realidade local. Segundo (STREET, 2007, p. 484), o primeiro passo é “estudar as práticas de letramento em contextos culturais e ideológicos diversos. Em segundo lugar, temos de começar onde

as pessoas estão, compreender os significados e usos culturais das práticas de letramento.” Dito de outra forma, situar as práticas de letramento a partir do lugar em os estudantes estão, levando em conta seus aspectos sociais, econômicos e ambientais.

Nessa perspectiva, compreender a experiência letrada local significa também conhecer o lugar e seu povo. Como se formou a cidade e sua população e quais as suas raízes históricas e culturais. Assim, para esse estudo, toma-se como fonte, além de poemas, outras publicações no *Folha do Norte*, sem desprezar informações complementares de outros jornais.

As notícias de Feira de Santana circulavam no país, devido ao grande movimento que se gerava em torno do comércio de gado: “o carro pára várias vezes na estrada devido às boiadas que vão seguindo para Feira de Santana. Os vaqueiros transpiram nos seus gibões de couro e lutam para abrir passagem para o carro.” (Caça à borracha no sertão baiano - Correio da Manhã, RJ, 26 de junho de 1943).⁵ Nessa matéria, o periódico *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, noticia a dificuldade de locomoção nas estradas devido ao movimento das boiadas que seguiam para Feira de Santana, vindas de várias localidades, numa confirmação da imagem do Poema da Feira de Sant’Ana, de Godofredo Filho.

O mesmo jornal carioca *Correio da Manhã*, na edição de 12 de novembro de 1949, noticia a apresentação da peça teatral, no recém-montado Teatro Normal de Salvador, o “Auto da graça e da glória na Bahia”, adaptada por Chianca de Garcia com base em poema do feirense Godofredo Filho, e música de Antonio de Moraes. Segundo o colunista Paschoal Carlos Magno “o mais belo espetáculo musical que já assisti no Brasil”. (CORREIO DA MANHÃ, 12 de novembro de 1949).⁶ Essa notícia de evento cultural envolvendo escritor feirense e divulgada em jornal da região de maior prestígio social, situa Feira de Santana no cenário literário e cultural nacional. O jornal, meio de divulgação desses eventos, aparece como fonte de conhecimento, memória e pesquisa histórica, enfatizando seu valor nas práticas de letramento.

Em Feira de Santana, o jornal mais antigo em circulação na cidade, de forma impressa e digital, é o periódico *Folha do Norte*. O jornal foi fundado em 17 de setembro de 1909, sendo o mais antigo órgão de imprensa em circulação no Estado da Bahia.⁷

Na crônica *O jornal e o livro (1859)*, Machado de Assis assim define o jornal:

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções. [...] O jornal, *literatura quotidiana*, no dito de um publicista contemporâneo, é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a idéia de, um homem, mas a idéia popular, esta fração da idéia humana.

(ASSIS, Machado. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Publicado originalmente no *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 e 12/01/1859).

⁵ Correio da Manhã [RJ]; [1922], 1943, edição 14922, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_05&pasta=ano%20194&pesq=. Acesso em 02 fev 2018.

⁶ Correio da Manhã [RJ]; [17380], 1949, p. 13. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_05&pasta=ano%20194&pesq=. Acesso em 02 fev 2018

⁷ Fonte: Jornal Folha do Norte [Feira De Santana – BA] Disponível em: <http://folhadonortejournal.com.br/portal/sobre/>. Acesso em 01/02/2018

À época em que Machado escreveu sobre o jornal, elencando diferenças entre este e o livro, eram os jornais as principais fontes de conhecimento e informação. Neles circulavam “todos os fatos” e “todos os talentos”. A população comum ainda tinha pouco acesso ao livro, e por isso, o jornal era a leitura “altamente democrática”, chegando a muitos lares como única leitura possível. Assim, no início de século XX, quando foi publicado o primeiro número do *Folha do Norte*, e durante muitos anos, os registros históricos e literários da cidade de Feira de Santana foram feitos através desse periódico.

Educação para cidadania local e planetária: meu mundo, seu mundo, nosso mundo

O conceito de cidadania planetária ou global parte de uma noção unificada de planeta. A consciência de que todos os seres são parte de um todo e interdependentes entre si leva à ampliação do paradigma antropocêntrico para a totalidade de vida na Terra. Assim, “cidadania planetária é uma expressão adotada para designar um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos fundados numa nova percepção da Terra.” (EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA PLANETÁRIA, 2011, p. 10).

Como não poderia deixar de ser, a cidadania planetária pressupõe o acesso democrático à educação. A educação de qualidade é uma das 17 macrometas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS, também conhecidos como a Agenda 2030, aprovados em Assembleia da Organização das Nações Unidas em setembro de 2015. Tais metas são pautadas em cinco P (s): Pessoas, Planeta, Prosperidade, Paz e Parcerias. “Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos” (ONU, 2015, p. 23) é o objetivo global de número 4 - Educação de Qualidade, cuja meta 4.7 é a educação para a promoção do desenvolvimento sustentável.

Diante das crises que o século XXI presencia, sejam elas ambientais, sociais ou econômicas, o desenvolvimento sustentável é um apelo mundial, pela saúde e sobrevivência planetária e civilizatória. Nesse sentido, desenvolver a cidadania dos educandos, não só local, mas também planetária, é promover a consciência de que se vive em rede. Uma rede de interdependências que não inclui apenas a tecnologia, mas a vida e suas conexões: indivíduo-indivíduo, indivíduo com o outro, com o lugar, com o planeta e com o Universo. Corroborando com essa ideia, a *Carta da Terra* tenta chegar a um código de ética planetário, pautado em valores e princípios para “[...] gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz.” (CARTA DA TERRA, 2000, p. 1).

A cidadania planetária, assim, torna-se um ideal a ser perseguido principalmente pelas instituições educacionais, pois delas saem os futuros cidadãos que formarão a sociedade em rede. Num movimento rizomático, à medida que se busca a conexão planetária, reforça-se ainda mais a necessidade de se investir na afirmação das identidades, pois as relações estão cada vez mais não-lineares.

A sequência didática

A abordagem metodológica escolhida para o presente projeto de pesquisa do tipo intervenção tem como foco a construção e aplicação de uma Sequência Didática. Sobre pesquisas do tipo intervenção, Magda Daminani (2012) diz:

Tentando resumir e sistematizar o tipo de intervenção que se realiza, identificam-se nelas os seguintes aspectos: 1) são pesquisas aplicadas, em contraposição a pesquisas fundamentais; 2) partem de uma intenção de mudança ou inovação, constituindo-se, então, em

práticas a serem analisadas; 3) trabalham com dados criados, em contraposição a dados já existentes, que são simplesmente coletados; 4) envolvem uma avaliação rigorosa e sistemática dos efeitos de tais práticas, isto é, uma avaliação apoiada em métodos científicos, em contraposição às simples descrições dos efeitos de práticas que visam à mudança ou inovação (DAMIANI, 2012, p. 7).

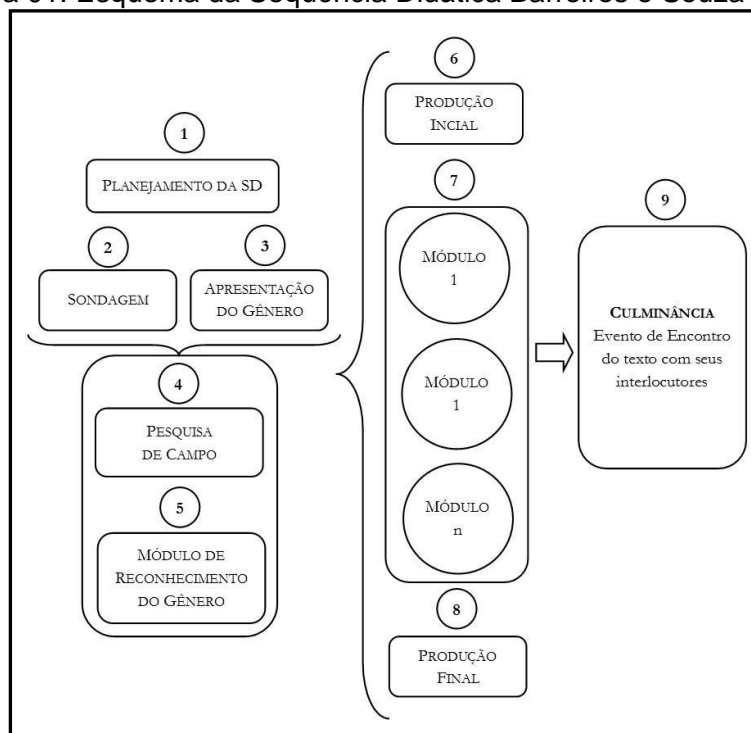
Para a realização da pesquisa intervenção, inicialmente, tomou-se por base a Sequência Didática - SD de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), não pretendendo, porém, ser inflexível, pois o modelo poderia ser adaptado, conforme fizeram alguns pesquisadores. Segundo os autores, a sequência didática pode ser estruturada da seguinte forma:

Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito que apresenta algumas características que possibilitam aos alunos o acesso às práticas de linguagem novas ou de difícil domínio (DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B., 2004, p. 97).

Com base nessa definição, os autores em questão elaboraram um esquema para a SD, cujo roteiro é o seguinte: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final. Esse modelo fora adaptado por outros pesquisadores, lavando em contas as especificidades dos grupos pesquisados. Costa-Hübes (2009), adaptando o modelo de Dolz e Schneuwly (2004), inclui o módulo de reconhecimento de gênero, que envolve a pesquisa, leitura e análise linguística, antes da produção inicial.

Por fim, também buscando adequar o esquema da SD às necessidades do ensino-aprendizagem de gêneros, como adaptação ao modelo de Dolz e Schneuwly (2004), e Costa-Hübes (2009), descreve-se aqui o esquema proposto por Barreiros e Souza (2015), o qual será adotado para esta pesquisa intervenção:

Figura 01: Esquema da Sequência Didática Barreiros e Souza (2015)



Fonte: Barreiros e Souza (2015)

A Sequência Didática terá um total de 32 aulas de 50 minutos cada, e será desenvolvida conforme resumo descrito a seguir. A etapa de *Planejamento da SD* tem como bases teóricas os autores citados e se concretiza no início dos trabalhos com o grupo no qual será aplicada a intervenção. É importante ressaltar que, tratando-se de uma pesquisa intervenção realizada em sala de aula, este planejamento será flexível e poderá sofrer adaptações, para atender às especificidades da turma.

Na etapa de sondagem, serão aplicados dois questionários: o Questionário 1 – Perfil Socioeconômico e o Questionário 2 – Práticas Sociais de leitura e Escrita. Será aplicada ainda uma atividade de leitura para fins de diagnóstico. Esses questionários fornecerão os dados para o “diagnóstico de letramento” (KLEIMAN, 2005), a partir do qual será traçado um perfil do público, para então proceder à elaboração definitiva da SD. *Sondagem*, etapa de número dois, começará pela investigação do *lócus* da pesquisa, pois se trata de uma pesquisa de base etnográfica. Para isso, os dados obtidos na aplicação dos questionários serão registrados e sistematizados em Fichas Diagnósticas, Gráficos, Fotografias e Diário de Bordo.

A seguir, a etapa de número três, *Apresentação do gênero*, além de atividades extraclasse, abordará alguns tópicos: os estudantes terão o primeiro contato com o gênero e perceberão como este circula na sociedade. No decorrer desse processo, serão aplicadas estratégias antes, durante e após cada leitura realizada, a fim de exercitar a competência leitora dos estudantes, em especial a leitura de texto biográfico.

Na etapa quatro, *Pesquisa de Campo*, além de atividades extraclasse, serão realizados encontros com o objetivo de dialogar sobre o papel da memória e da identidade cultural de um povo; a leitura literária na construção da cidadania planetária; visita ao Jornal Folha do Norte e ao Museu Casa do Sertão; técnicas de estudo e pesquisa em ambientes digitais; contato com informações sobre alguns escritores locais e suas obras.

Em seguida, será desenvolvida a quinta etapa da SD, o *Módulo de Reconhecimento de Gênero*. Nesse módulo, os estudantes irão socializar as pesquisas feitas na etapa anterior, realizarão mais leituras, selecionarão alguns autores locais para o trabalho de produção textual e reconhecerão as características e limitações do gênero biografia de escritores.

A sexta etapa é o *Módulo de Produção Inicial*. Neste módulo será produzido um texto biográfico inicial, em grupos, sobre o escritor escolhido. Nessa primeira produção, os estudantes, que já terão realizado a leitura de biografias em diversas modalidades de linguagem e suportes, produzirão o primeiro texto. A escrita inicial servirá de indicativo para o trabalho nos próximos módulos.

Após a produção inicial, o estudante terá um tempo de distanciamento do seu texto e passará por um ciclo de aprendizagens, até chegar à revisão.

Na fase de aprendizagem da escrita de um gênero textual, propomos que haja um tempo entre a escrita da primeira versão de um texto e o momento de revisão-reescrita (Dolz & Pasquier, 1995). Observamos que, desta maneira, facilitamos o distanciamento necessário para que o aluno reflita sobre sua própria produção e, sobretudo, oferecemos-lhe a possibilidade de fabricar instrumentos lingüísticos sobre o gênero textual que tem de produzir (PASQUIER e DOLZ. 1996, p. 36).

Assim, na sétima etapa, os estudantes irão aprimorar a aprendizagem construída, sanando as dificuldades de capacidades de linguagem para o domínio completo do gênero. Serão feitas atividades individuais e coletivas de leitura e escrita, revisão e reescrita. Nessa etapa, será também apresentada a plataforma para a construção da Biblioteca Digital e serão selecionados os textos de escritores locais que irão compor o acervo desta Biblioteca.

Na *Produção Final*, a partir dos estudos e produções já realizados, e de Ficha de controle desenvolvida pelos estudantes com orientação da professora, o texto final será escrito e será criada a Biblioteca Digital, na qual os educandos postarão seus textos.

Na etapa de Culminância, a qual denomina-se aqui de Celebração, será realizado um evento para divulgação da Biblioteca Digital na comunidade escolar, efetivando-se a função social da leitura e escrita, num processo de socialização dos conhecimentos construídos, nos quais terão sido trabalhados a competência leitora dos jovens estudantes e o papel da memória cultural de um povo na construção da cidadania.

Considerações finais

Esta pesquisa, tendo por base o ensino da língua portuguesa, desenvolvido com base nas interações, e a aplicação de uma intervenção didática para subsidiar a construção de uma biblioteca virtual com escritores locais pode aprimorar as competências linguísticas dos estudantes envolvidos. Além disso, o estudante se tornará mais habilitado à produção de conteúdos para circulação na rede mundial de computadores, de forma ética, promovendo-se um protagonismo desses atores sociais, e quebrando-se o paradigma vigente de que se lê muito na internet e pouco se produz.

Quando se traz os escritores locais para as práticas de leitura e escrita na escola, através da produção do gênero biografia de escritores, pensa-se, além da valorização da literatura local, no letramento como forma de expressão da cultura local e de afirmação das identidades dos sujeitos envolvidos no processo de educação.

O local e o global são parte de um todo que se completa. Nessa teia de ligações inumeráveis, surge a necessidade de olhar para as identidades. “Afirmação de identidade não significa necessariamente incapacidade de relacionar-se com outras identidades” (CASTELLS, 1999, p. 57,58). A pesquisa busca, assim, contribuir com essa proposta, colaborando para a formação de leitores literários e cidadãos planetários e conscientes de suas identidades locais.

Referências

BAHIA. Secretaria da Educação. Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica. Diretoria de Educação Básica. **Orientações curriculares e subsídios didáticos para a organização do trabalho pedagógico no ensino fundamental de nove anos** - Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica. Diretoria de Educação Básica. Salvador: Secretaria da Educação, 2013.

BARTON, David e LEE, Carmen. **Linguagem online. Textos e práticas digitais**. Tradução Milton Camargo Mota. 1ª. Edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BARREIROS, Patrício Nunes. **Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da Crítica Textual: rumo às hiperedições**. Filol. Linguíst. Port., São Paulo, v. 16, n. 1, p. 31-62, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i1p31-62>. Acesso em 05/09/2017.

BARREIROS, Patrício Nunes. **O pasquineiro da roça. A hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta**. Feira de Santana. UEFS Editora, 2015.

BARREIROS Patrício Nunes; SOUZA, Wiliana Coelho. **Inserção da literatura local nas aulas de Língua Portuguesa: uma experiência com a literatura de Juazeiro**. *Revista A Cor das letras*, v. 16, p. 70-90, 2015.

- BAKHTIN, M. **A Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana**. Introdução, pesquisa, organização e notas de Maria Eugênia Boaventura. Feira de Santana, UEFS Editora, 2006.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Tradução: José Colaço Barreiros. Abril/ControlJornal, 2000.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc/>. Acesso em 12/03/2018.
- BROCARD, R. O. COSTA-HÜBES, T. C. **A elaboração do modelo didático de gênero e da sequência didática: uma perspectiva de trabalho com o gênero textual reportagem impressa em sala de aula**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2004-8.pdf>. Acesso em: 27/07/2017.
- CARINO, J. **A biografia e sua instrumentalidade educativa**. Educ. Soc. [online]. 1999, vol.20, n.67, pp. 153-182. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf> Acesso em 20/07/2017.
- CARVALHO, A. M. SILVA, L. C. S. **Modelo didático do gênero biografia como instrumento para a elaboração de uma sequência didática**. Disponível em: http://www.fecilcam.br/nupem/anais_v_epct/PDF/linguistica_letras_artes/02_CARVALHO_SILVA_SILVA.pdf Acesso em 30/07/2017.
- Carta da Terra**, 2000. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf. Acesso em 24/01/2018.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo, Editora UNESP, 2002.
- COSCARELLI, Carla Viana. **Tecnologias para aprender**. São Paulo, Parábola Editorial, 2016.
- COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo, Contexto, 2012.
- DAMIANI, Magda Floriani. **Sobre Pesquisas do Tipo Intervenção**. Painel: AS PESQUISAS DO TIPO INTERVENÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A PRODUÇÃO DE TEORIA EDUCACIONAL. In: XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2012, Campinas. Anais do XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Campinas: UNICAMP, 2012. p. 1-9.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. Introdução: **Rizoma. Texto extraído de Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia) Vol. 1** Editora 34, (1995) (Esgotado) Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa . Disponível em: http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Rizoma-Deleuze_Guattari.pdf. Consulta em 12/01/2018.
- DOLZ, J. NOVERRAZ, M. SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, B. DOLZ, J. E colaboradores. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

GODOFREDO FILHO. **Irmã poesia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

Educação para a Cidadania Planetária : currículo intertransdisciplinar em Osasco / Paulo Roberto Padilha...[et al.] . -- São Paulo : Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/images/pdfs/educacao-para-a-cidadania-planetaria-curriculo-interdisciplinar-em-osasco..pdf>. Acesso em 03/02/2018

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Série Linguagem e Letramento em foco. CEFIEL/IEL/UNICAMP. 2005.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. **A Construção de Modelos Didáticos de Gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros**. Revista Linguagem em (Dis)curso – LemD – Tubarão, v.6, n.3, p. 547- 573, set/dez. 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcusch_i_G%C3%A7neros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf. Acesso em 20/09/2017.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão Técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. a. ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2000. Disponível em: <http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/textosdiversos/SeteSaberes-EdgarMorin.pdf>. Acesso em 28/08/2017.

ONU – **Transformando Nosso Mundo – A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/dam/brazil/docs/agenda2030/undp-br-Agenda2030-completo-pt-br-2016.pdf> Acesso em: 20/07/2017.

PASQUIER, A.; DOLZ, J. **Un decálogo para enseñar a escribir**. In: CULTURA y Educación, 2: 1996, p. 31-41. Madrid: Infancia y Aprendizaje. Tradução provisória de Roxane Helena Rodrigues

ROJO, R. MOURA, E. (orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

STREET, Brian V. **Letramentos Sociais. Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo, Parábola Editorial, 2014.

UNESCO. **Education 2030: Incheon Declaration and Framework for Action for the implementation of Sustainable Development Goal 4: Ensure inclusive and equitable quality education and promote lifelong learning opportunities for all**. Brasília: UNESCO, 2017. 88 p. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002456/245656POR.pdf>. Acesso em 29/07/2017.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Letramento Digital e Ensino**. In: Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. (Org.). *Alfabetização e Letramento: conceitos e relações*. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, p. 133-148.